

Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós  
que recorremos a Vós. Ámen.

O DIÁRIO  
DE UM MAGO

PAULO COELHO

O DIÁRIO  
DE UM MAGO



## PREFÁCIO

*Sentado num jardim de uma cidade no sul de França.*

*Ao meu lado, uma carta do meu editor, pedindo uma apresentação de O Diário de Um Mago para a nova edição.*

*Água mineral.*

*Café.*

*Temperatura de 27° C na tarde de 1 de junho 2001.*

*Pessoas que conversam, pessoas que caminham.*

*Pessoas que também tomam o seu café e a sua água mineral.*

*Então volto quinze anos atrás no tempo, uma tarde, um café, uma água mineral, pessoas que conversam e caminham só que, desta vez, o cenário são as planícies de León, o idioma é o espanhol, o meu aniversário aproxima-se, já saí de Saint-Jean-Pied-de-Port há algum tempo e estou a pouco mais de metade do caminho que conduz a Santiago de Compostela. Olho para a frente, a paisagem monótona, o guia que também toma o seu café num bar que parece ter surgido de lugar nenhum. Olho para trás, a mesma paisagem monótona, com a única diferença de que a poeira do chão tem as marcas das solas dos meus sapatos, mas isso é temporário, o vento apagá-las-á antes que chegue a noite. Tudo me parece irreal. O que estou a fazer aqui? Esta pergunta ainda me acompanha, embora já se tenham passado várias semanas.*

*Estou à procura de uma espada. Estou a cumprir um ritual de RAM, uma pequena ordem dentro da Igreja Católica, sem segredos*

*ou mistérios além da tentativa de compreender a linguagem simbólica do mundo. Estou a pensar que fui enganado, que a busca espiritual não passa de uma coisa sem sentido ou lógica, e que seria melhor estar no Brasil, a cuidar do que sempre cuidei. Estou a duvidar da minha sinceridade na busca espiritual porque dá muito trabalho procurar um Deus que nunca se mostra, rezar a horas certas, percorrer caminhos estranhos, ter disciplina, aceitar ordens que me parecem absurdas.*

*É isso: duvido da minha sinceridade. Ao longo de todos estes dias, Petrus tem dito que o caminho é de todos, das pessoas comuns, o que me deixa muito dececionado. Eu pensava que todo este esforço me ia dar um lugar de destaque entre os poucos eleitos que se aproximam dos grandes arquétipos do Universo. Eu pensava que ia finalmente descobrir que são verdadeiras todas as histórias a respeito de governos secretos de sábios no Tibete, de poções mágicas capazes de provocar amor onde não existe atração, de rituais onde, de repente, surgem as portas do Paraíso.*

*Mas é exatamente o contrário que Petrus me diz: não existem eleitos. Todos são escolhidos se, em vez de se perguntarem o que estou a fazer aqui?, resolverem fazer qualquer coisa que desperte o entusiasmo no coração. É no trabalho com entusiasmo que está a porta do paraíso, o amor que transforma, a escolha que nos leva até Deus. É esse entusiasmo que nos liga ao Espírito Santo, e não as centenas, milhares de leituras dos textos clássicos. É a vontade de acreditar que a vida é um milagre que permite que os milagres aconteçam, e não os chamados rituais secretos ou ordens iniciáticas. Enfim, é a decisão do homem cumprir o seu destino que o faz ser realmente um homem e não as teorias que ele desenvolve em torno do mistério da existência.*

*E aqui estou eu. Um pouco além do meio do caminho que me leva a Santiago de Compostela.*

*Nesta tarde em León, no longínquo ano de 1986, eu ainda não sei que daqui a seis ou sete meses irei escrever um livro sobre esta minha experiência, que já caminha pela minha alma o pastor Santiago*

*em busca de um tesouro, que uma mulher chamada Veronika se prepara para ingerir alguns comprimidos e tentar cometer suicídio, que Pilar chegará diante do rio Piedra e escreverá, chorando, o seu diário. Tudo o que sei neste momento é que estou tenso, nervoso, incapaz de conversar com Petrus, porque acabo de me dar conta de que não posso voltar a fazer o que tenho vindo a fazer, mesmo que isso signifique abrir mão de uma quantidade razoável de dinheiro no final do mês, de uma certa estabilidade emocional, de um trabalho que já conheço e do qual domino algumas técnicas. Preciso de mudar, de seguir em direção ao meu sonho, um sonho que me parece infantil, ridículo, impossível de ser realizado: tornar-me o escritor que secretamente sempre desejei ser, mas que não tenho coragem de assumir.*

*Petrus acaba de beber o seu café, a sua água mineral, e pede que pague a despesa e que continuemos logo a andar, já que ainda faltam alguns quilómetros até à próxima cidade. As pessoas continuam a passar e a conversar, olhando de esguelha para os dois peregrinos de meia-idade, pensando como há gente estranha neste mundo, sempre pronta a tentar reviver um passado que já está morto<sup>1</sup>. A temperatura deve rondar os 27º C, porque é o final da tarde, e eu pergunto-me silenciosamente, pela milésima vez, o que estou a fazer ali.*

*Eu queria mudar? Acho que não, mas ao fim e ao cabo este caminho está a transformar-me. Eu queria conhecer os mistérios? Acho que sim, mas o caminho está a ensinar-me que não existem mistérios, que como dizia Jesus Cristo não há nada oculto que não tenha sido revelado. Enfim, tudo está a acontecer exatamente ao contrário do que eu esperava.*

---

<sup>1</sup> No ano em que fiz a peregrinação, apenas 400 pessoas tinham percorrido o Caminho de Santiago. No ano de 1999, segundo estatísticas não oficiais, 400 pessoas passavam por dia diante do bar mencionado no texto.

*Levantamo-nos e começamos a andar em silêncio. Estou imerso nos meus pensamentos, na minha insegurança, e Petrus deve estar a pensar, imagino eu, no seu trabalho em Milão. Está aqui porque, de alguma maneira, foi obrigado pela tradição, mas possivelmente espera que esta caminhada termine rapidamente, para que possa voltar a fazer o que gosta.*

*Andamos durante quase todo o resto da tarde sem conversar. Ainda não existem telemóveis, faxes para uso pessoal, e-mails. Estamos isolados na nossa convivência forçada. Santiago de Compostela está à nossa frente, e não posso imaginar que este caminho me conduza não apenas a esta cidade, mas a muitas outras cidades do mundo. Nem eu nem Petrus sabemos que nesta tarde, na planície de León, eu estou também a caminhar para Milão, a sua cidade, onde chegarei quase dez anos depois, com um livro chamado O Alquimista. Estou a caminhar para o meu destino, tantas vezes sonhado e outras tantas vezes negado. Eu estou a caminhar para o jardim onde nesta tarde de junho de 2001 existe um café, uma água mineral, um Sol agradável, e uma carta do meu editor pedindo-me um prefácio para a edição italiana de O Diário de Um Mago.*

*Caminho para ver publicada a história do meu renascimento.*

PAULO COELHO

*Jardim Massey, Tarbes, França, dia 1 de junho de 2001.*

*Quando começámos a peregrinação, eu achei que tinha realizado um dos maiores sonhos da minha juventude. Tu eras para mim o bruxo D. Juan, e eu revivia a saga de Castañeda em busca do extraordinário.*

*Mas tu resististe bravamente a todas as minhas tentativas de transformar-te em herói. Isto tornou muito difícil o nosso relacionamento, até que entendi que o Extraordinário reside no Caminho das Pessoas Comuns. Hoje em dia, esta compreensão é o que possuo de mais precioso na minha vida, permite-me fazer qualquer coisa, e irá acompanhar-me para sempre.*

*Por esta compreensão — que agora procuro dividir com outros — este livro vai ser dedicado a ti, Petrus.*

O AUTOR

Então disseram-lhe:  
Senhor, eis aqui duas espadas.  
E Ele respondeu:  
Basta.

*LUCAS, XXII, 38*

## PRÓLOGO

— E que, diante da Face Sagrada de RAM, toques com as tuas mãos a Palavra da Vida, e recebas tanta força que te tornes testemunha dela até aos Confins da Terra!

O Mestre levantou a minha nova espada para o alto, mantendo-a dentro da bainha. As chamas na fogueira crepitaram, um presságio favorável, indicando que o ritual devia prosseguir. Então abaixei-me e, com as mãos nuas, comecei a cavar a terra à minha frente.

Era a noite do dia 2 de janeiro de 1986, e nós estávamos no alto de uma das montanhas da Serra do Mar perto da formação conhecida como Agulhas Negras. Além de mim e do meu Mestre estavam também a minha mulher, um discípulo meu, um guia local, e um representante da grande fraternidade que congregava as ordens esotéricas em todo o mundo, e que era conhecida pelo nome de Tradição. Todos os cinco — inclusive o guia, que já tinha sido avisado previamente do que iria acontecer — estavam a participar na minha ordenação como Mestre da Ordem de RAM.

Terminei de escavar um buraco pouco fundo, mas comprido, no solo. Com toda a solenidade toquei a terra, pronunciando as palavras rituais. A minha mulher então aproximou-se e entregou-me a espada que eu tinha utilizado por mais de dez anos, e que me tinha auxiliado tanto em

centenas de Operações Mágicas durante aquele tempo. Depositei a espada no buraco que tinha feito. Depois, atirei terra por cima e aplainei de novo o terreno. Enquanto fazia isto lembrava-me das provas por que havia passado, das coisas que tinha conhecido e dos fenómenos que era capaz de provocar simplesmente porque tinha comigo aquela espada tão antiga e tão minha amiga. Agora ela ia ser devorada pela terra, o ferro da sua lâmina e a madeira do seu cabo servindo novamente de alimento ao local de onde tinha tirado tanto Poder.

O Mestre aproximou-se e colocou a minha nova espada diante de mim, em cima do local onde eu tinha enterrado a antiga. Todos então abriram os braços, e o Mestre, utilizando o seu Poder, fez com que em volta de nós se formasse uma espécie de luz estranha, que não clareava, mas que era visível, e fazia com que o vulto das pessoas tivesse uma cor diferente do amarelo projetado pela fogueira. Então, desembainhando a sua própria espada, tocou nos meus ombros e na minha testa, enquanto dizia:

— Pelo Poder e pelo Amor de **RAM**, nomeio-te Mestre e Cavaleiro da Ordem, hoje e para o resto dos dias desta tua vida. **R** de Rigor, **A** de Amor, **M** de Misericórdia; **R** de *Regnum*, **A** de *Agnus*, **M** de *Mundi*. Quando tocares a tua espada, que ela jamais fique muito tempo na bainha, porque vai enferrujar. Mas quando sair da bainha, que ela jamais volte sem antes haver feito um Bem, aberto um Caminho, ou bebido o sangue de um Inimigo.

E com a ponta da sua espada feriu levemente a minha testa. A partir daquele momento eu já não precisava de ficar em silêncio. Não precisava de esconder aquilo de que era capaz, nem ocultar os prodígios que tinha aprendido a realizar no caminho da Tradição. A partir daquele momento eu era um Mago.

Estendi a mão para pegar na minha nova espada, de aço que não se destrói e de madeira que a terra não consome, com o seu punho preto e vermelho e a sua bainha preta. Porém, no momento em que as minhas mãos tocaram na bainha, e que me preparava para trazê-la até mim, o Mestre deu um passo em frente e com toda a violência pisou os meus dedos, fazendo com que eu gritasse de dor e largasse a espada.

Olhei para ele sem entender nada. A luz estranha desaparecera e o rosto do Mestre tinha agora a aparência fantasmagórica que as chamas da fogueira desenhavam.

Ele olhou-me friamente, chamou a minha mulher e entregou-lhe a nova espada. Depois virou-se para mim e disse:

— Afasta a tua mão que te ilude! Porque o caminho da Tradição não é o caminho dos poucos escolhidos, mas o caminho de todos os homens! E o Poder que tu pensas que tens não vale nada, porque não é um Poder que se divide com os outros homens! Devias ter recusado a espada, e se tivesses feito isso ela ser-te-ia entregue, porque o teu coração estava puro. Mas, como eu temia, no momento sublime escorregaste e caíste. E por causa da tua avidez, terás que caminhar novamente em busca da tua espada. E por causa da tua soberba, terás que buscá-la entre os homens simples. E por causa do teu fascínio pelos prodígios, terás que lutar muito para conseguir de novo aquilo que tão generosamente te ia ser entregue.

Foi como se o mundo tivesse fugido debaixo dos meus pés. Continuei ajoelhado, atónito, sem querer pensar em nada. Uma vez que já tinha devolvido a minha antiga espada à terra, não podia pegar nela de novo. E uma vez que a nova não me tinha sido entregue, estava de novo como alguém que tivesse começado naquele instante, sem poder



CORUÑA

OVIEDO

MAR CAN

SANTIAGO  
DE COMPOSTELA

• PALAS DO REI

• CERREIRO

• XILAFRANCA

• BONFERRADA

• ASTORGA

• LEON

• CARRIÓN BURGOS DO

• CASTRO JERIZ

■ ZAMORA

■ VALLADOLID

■ SALAMANCA

PORTUGAL

ESPAÑA

# O CAMINHO DE SANTIAGO

TÁBRICO



PIED-DE-PORT

FRANÇA

PAMPLONA

RONCESVALLES

STO. ESTELA  
OMINGO

PUENTE DE LA REINA

LOGROÑO

MONTES DE OCA

BARCELONA

MAR MEDITERRANEO

e sem defesa. No dia da minha suprema Ordenação Celeste, a violência do meu Mestre, pisando os meus dedos, devolveu-me ao mundo do ódio e da Terra.

O guia apagou a fogueira, e a minha mulher veio até mim e ajudou-me a levantar. Ela tinha a minha nova espada nas mãos, mas pelas regras da Tradição eu jamais poderia tocá-la sem permissão do meu Mestre. Descemos em silêncio pelo meio da mata, seguindo a lanterna do guia, até chegarmos à pequena estrada de terra onde os carros estavam estacionados.

Ninguém se despediu de mim. A minha mulher colocou a espada na mala do carro e arrancou. Ficámos um longo tempo em silêncio, enquanto ela guiava devagar, contornando os buracos e as valas do caminho.

— Não te preocupes — disse ela, tentando animar-me um pouco. — Tenho a certeza de que irás consegui-la de volta.

Perguntei-lhe o que o Mestre lhe tinha dito.

— Ele disse-me três coisas. Primeiro, que ele devia ter levado um agasalho, porque ali em cima fazia muito mais frio do que ele pensara. Segundo, que nada daquilo tinha sido uma surpresa para ele, e que já havia acontecido muitas outras vezes, com muitas outras pessoas que tinham chegado até onde tu chegaste. E terceiro, que a tua espada ficaria à tua espera numa hora certa, numa data certa, em algum ponto de um caminho que terás que percorrer. Eu não sei nem a data nem a hora. Ele falou-me apenas do local onde devo escondê-la para que a encontres.

— E qual é esse caminho? — perguntei, nervoso.

— Ah, isso ele não explicou muito bem. Disse apenas que procurasses no mapa de Espanha, uma rota antiga, medieval, conhecida como o Estranho Caminho de Santiago.

## A CHEGADA

O guarda alfandegário olhou demoradamente a espada que a minha mulher trazia, e perguntou o que pretendíamos fazer com aquilo. Eu disse que um amigo nosso ia avaliá-la para a levarmos a leilão. A mentira deu resultado; o guarda deu-nos uma declaração de que tínhamos entrado com a espada pelo aeroporto de Barajas, e avisou que se houvesse problemas em retirá-la do país, bastava mostrar aquele papel na Alfândega.

Fomos até ao balcão da agência de aluguer de automóveis e confirmámos a reserva que tínhamos feito de dois carros. Pegámos nos *tickets* e fomos ambos comer alguma coisa ao restaurante do próprio aeroporto, antes de nos despedirmos.

Eu tinha passado uma noite em claro no avião — mistura de medo de voar com medo do que iria acontecer dali para a frente —, mas mesmo assim estava excitado e desperto.

— Não te preocupes — disse ela pela milésima vez. — Deves ir até França, e em Saint-Jean-Pied-de-Port deves procurar Mme. Christine. Ela vai-te pôr em contacto com alguém que te indicará o Caminho de Santiago.

— E tu? — perguntei também pela milésima vez, já sabendo a resposta.

— Vou até onde tenho que ir, deixar o que me foi confiado. Depois fico em Madrid alguns dias, e volto para o Brasil. Sou capaz de dirigir as nossas coisas tão bem como tu.

— Isso sei eu — respondi, querendo evitar o assunto. A minha preocupação com os negócios que havia deixado no Brasil era enorme. Aprendi o necessário sobre o Caminho de Santiago nos quinze dias que se seguiram ao incidente nas Agulhas Negras, mas tinha demorado quase sete meses para decidir largar tudo e fazer a viagem. Até que certa manhã a minha mulher disse-me que a hora e a data se aproximavam, e se eu não tomasse uma decisão devia esquecer para sempre o caminho da Magia e a Ordem de RAM. Tentei mostrar-lhe que o Mestre me dera uma tarefa impossível, já que eu não podia simplesmente sacudir dos ombros a responsabilidade do trabalho diário que tinha. Ela riu e disse que eu estava a dar uma desculpa tola, pois naqueles sete meses eu pouco tinha feito além de passar noites e dias perguntando-me se devia ou não viajar. E no gesto mais natural do mundo, estendeu-me as duas passagens já com data de voo marcada.

— Foi porque tu decidiste que estamos aqui — disse eu no café do aeroporto. — Não sei se isto está certo; deixar partir de outra pessoa a decisão de procurar a minha espada.

A minha mulher disse que se íamos voltar a falar de tolices era melhor pegar nos automóveis e despedirmo-nos logo.

— Tu jamais deixarias que qualquer decisão na tua vida partisse de outra pessoa. Vamos já, pois está a ficar tarde.

— Levantou-se, pegou na sua bagagem e dirigiu-se para o estabelecimento. Eu não me mexi. Fiquei sentado, a olhar a maneira displicente como ela carregava a minha espada, que ameaçava escorregar a todo o momento de debaixo do seu braço.

No meio do caminho ela parou, voltou até à mesa onde eu estava, deu-me um sonoro beijo na boca e olhou-me sem dizer nada durante muito tempo. De repente percebi que estava em Espanha, que já não podia voltar atrás. Mesmo com a horrível certeza de que tinha muitas hipóteses de fracassar, já dera o primeiro passo. Então abracei-a com muito amor, com todo o amor que sentia naquele momento e, enquanto ela estava nos meus braços, rezei a tudo e a todos em quem eu acreditava, implorei que me dessem forças para voltar com ela e com a espada.

— Bonita espada, viste? — comentou uma voz feminina na mesa ao lado assim que minha mulher partiu.

— Não te preocupes — respondeu uma voz de homem. — Eu compro-te uma exatamente igual. As lojas de turismo aqui em Espanha têm milhares delas.

Depois de uma hora a guiar, o cansaço acumulado pela noite anterior começou a surgir. Além disso, o calor de agosto era tão forte que, mesmo a andar numa estrada desimpedida, o carro começava a mostrar problemas de sobreaquecimento. Resolvi parar um pouco numa cidadezinha que os cartazes da estrada anunciavam como Monumento Nacional. Enquanto subia a íngreme ladeira que me conduziria até ela, comecei a recordar mais uma vez tudo o que tinha aprendido sobre o Caminho de Santiago.

Assim como a tradição muçulmana exige que todo o fiel faça, pelo menos uma vez na vida, a caminhada que Maomé fez de Meca a Medina, o primeiro milénio do cristianismo conheceu três rotas consideradas sagradas, e que resultavam numa série de bênçãos e indulgências para quem percorresse qualquer delas. A primeira rota levava até ao túmulo de São Pedro, em Roma, os seus caminhantes tinham por símbolo uma cruz e eram chamados *romeiros*. A segunda rota levava até ao Santo Sepulcro de Cristo, em Jerusalém, e os que faziam este caminho eram chamados *palmeiros* porque tinham como símbolo as palmas com que Cristo foi saudado quando entrou na cidade.

Finalmente existia um terceiro caminho — um caminho que levava até aos restos mortais do apóstolo Santiago, enterrados num local da Península Ibérica onde certa noite um pastor tinha visto uma estrela brilhante sobre um campo. A lenda conta que não apenas Santiago, mas a própria Virgem Maria, estiveram por ali, logo após a morte de Cristo, a levar a palavra do Evangelho e a exortar os povos a converterem-se.

O local ficou conhecido como Compostela — o campo da estrela — e logo surgiu uma cidade que iria atrair viajantes de todo o resto do mundo cristão. A estes viajantes que percorriam a terceira rota sagrada, foi-lhes dado o nome de *peregrinos*, e passaram a ter como símbolo uma concha.

Na sua época áurea, no século XIV, a Via Láctea (porque à noite os peregrinos orientavam-se por esta galáxia) chegou a ser percorrida em cada ano por mais de um milhão de pessoas, vindas de todos os cantos da Europa. Até hoje, místicos, religiosos e pesquisadores ainda fazem a pé os setecentos quilómetros que separam a cidade francesa de

Saint-Jean-Pied-de-Port da Catedral de Santiago de Compostela, em Espanha<sup>1</sup>. Graças ao sacerdote francês Aymeric Picaud, que peregrinou até Compostela em 1123, a rota seguida hoje pelos peregrinos é exatamente igual ao caminho medieval que foi percorrido por Carlos Magno, São Francisco de Assis, Isabel de Castela, e mais recentemente pelo Papa João XXIII — entre muitos outros.

Picaud escreveu cinco livros sobre a sua experiência, apresentados como trabalho do Papa Calixto II — devoto de Santiago — e conhecido mais tarde como o *Codex Calixtinus*. No Livro V do *Codex Calixtinus*, «*Liber Sancti Jacobi*», Picaud enumera as marcas naturais, fontes, hospitais, abrigos e cidades que se estendiam ao longo do caminho. Baseada nas anotações de Picaud, uma sociedade — «Les Amis de Saint-Jacques» (Santiago é *Saint-Jacques* em francês) — encarrega-se de manter até hoje estas marcas naturais e orientar os peregrinos.

Por volta do século XII, a nação espanhola começou a aproveitar a mística de Santiago na sua luta contra os mouros que tinham invadido a Península. Várias Ordens militares foram criadas ao longo do Caminho, e as cinzas do Apóstolo tornaram-se um poderoso amuleto espiritual para combater os muçulmanos, que diziam ter consigo um braço de Maomé. Finda a Reconquista, porém, as Ordens militares estavam tão fortes que começaram a ameaçar o Estado, obrigando os Reis Católicos a intervirem diretamente para evitar que estas Ordens se insurgissem contra

---

<sup>1</sup> O Caminho de Santiago em território francês era composto por várias rotas, que se uniam numa cidade espanhola chamada Puente de La Reina. A cidade de Saint-Jean-Pied-de-Port está localizada numa destas rotas, que não é a única nem a mais importante.

a nobreza. Por causa disso, o Caminho foi, pouco a pouco, caindo no esquecimento, e, se não fosse por manifestações artísticas esporádicas — como *A Via Láctea*, de Buñuel, ou *Caminante*, de Joan Manuel Serrat — ninguém hoje em dia seria capaz de se lembrar que por ali passaram milhares de pessoas que mais tarde iriam povoar o Novo Mundo.

A cidadezinha onde cheguei de carro estava absolutamente deserta. Depois de muito procurar, achei uma pequena cantina adaptada numa velha casa de estilo medieval. O dono — que não tirava os olhos da televisão — avisou-me que aquela era a hora da sesta e que eu era um louco por andar pela estrada com tanto calor.

Pedi um refrigerante, tentei ver um pouco de televisão, mas não conseguia concentrar-me em nada. Pensava apenas que dentro de dois dias ia reviver em pleno século XX um pouco da grande aventura humana que trouxe Ulisses de Troia, andou com D. Quixote pela Mancha, levou Dante e Orfeu aos Infernos e Cristóvão Colombo até às Américas: a aventura de viajar em direção ao Desconhecido.

Quando tornei a pegar no meu carro já estava um pouco mais calmo. Mesmo que não descobrisse a minha espada, a peregrinação pelo Caminho de Santiago ia acabar por fazer com que eu me descobrisse a mim mesmo.